

personagem

AOS 25 ANOS, JORNALISTA RENATA FRADE SUPEROU MELANOMA EM ESTÁGIO AVANÇADO E PASSOU A DAR MAIS VALOR À VIDA

“Aprendi a ser otimista com o câncer”



Funcionária de uma agência de comunicação, a jornalista Renata Loureiro Frade, frequentemente trabalhava 12 horas por dia. As inúmeras tarefas e compromissos contribuíam para adiar uma consulta médica. A verruga que ela tinha no tronco estava com uma coloração escura, coçava muito e esfarelava ao menor contato. Era abril de 2003 e, pela primeira vez, ela contrariava a rotina de *check-ups* anuais à qual estava acostumada. “Falei com a minha chefe que precisava ir ao médico. O sinal era estranho e, provavelmente, precisaria retirá-lo. Ela não me liberou por quase dois meses, alegando que eu perderia metade de um dia e que tinha responsabilidades”, lembra.

Na época com 25 anos, Renata diz que não tinha noção sobre leis trabalhistas e temia perder o emprego. Apesar de morar com os pais, ela ajudava nas despesas da casa. “Mas, um dia, enfrentei minha chefe e marquei a dermatologista”, recorda a também escritora e professora, hoje com 43 anos.

A médica retirou a verruga, e Renata retomou a rotina, enquanto aguardava o resultado da biópsia. Durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro daquele ano, ela precisou recorrer ao posto médico do local. Além do mal-estar generalizado, teve forte crise de vômito e diarreia que a impediam de ficar de pé. “Foi a primeira vez na vida que passei mal em uma situação de trabalho. Achava que o meu corpo estava esquisito, não me sentia bem. Nunca me enchi de remédios, fazia exercícios e comia direito. Qualquer coisinha diferente eu já percebia”, conta Renata, que,

“Fiquei tão atordoada que voltei a pé para casa, apesar da longa distância. Entrei em choque, chorava muito. Não conseguia entender como aquilo tinha acontecido comigo”

na ocasião, pegou uma carona para deixar o posto e ir para casa. “Foi uma situação constrangedora. Pedi para usar o banheiro da casa de uma pessoa que eu mal conhecia.”

NOTÍCIA CHOCANTE

Era um dia de folga quando o telefone tocou. O resultado da biópsia estava pronto, e a dermatologista pediu seu retorno à clínica. Renata saiu de casa certa de que precisaria usar uma medicação no local. A ficha caiu apenas no consultório: a médica tinha um semblante apreensivo ao dar o diagnóstico que mudaria a vida da jornalista. A verruga era um melanoma, o tipo mais grave de câncer de pele. “Minha primeira reação foi perguntar: ‘doutora, eu posso morrer?’ Ela respondeu que existiam grandes chances, já que o tumor se encaixava no estágio IV, o mais avançado”, conta.

Em seguida, a médica disse que Renata precisava ser acompanhada por um profissional mais experiente, já que passaria por uma cirurgia oncológica. Explicou ainda que o melanoma é um câncer com enorme potencial de metástase (disseminação para outros órgãos), atingindo, principalmente, o sistema nervoso central. “Fiquei tão atordoada que voltei a pé para casa, apesar da longa distância. Entrei em choque, chorava muito. Não conseguia entender como aquilo tinha acontecido comigo.”

No dia seguinte, foi à consulta com o professor da sua médica, que confirmou o diagnóstico inicial. O protocolo exigia a realização de cirurgia oncológica e ela foi encaminhada para um cirurgião especializado em câncer de pele. O especialista reforçou a gravidade do quadro e ressaltou que não havia mais tempo para esperar. Tudo teria que ser feito com urgência. “Ouvia aquilo e chorava. Minha madrinha, que era a acompanhante, me dava muita força, falando que ia ficar tudo bem. Meus pais ficaram muito assustados, especialmente a minha mãe, que havia enfrentado um grave problema de saúde na família havia pouco tempo”, revela.

Não bastasse o impacto do diagnóstico, Renata ainda teve de lidar com as dificuldades que a doença impôs às suas relações pessoais. “Minha família reagiu de uma forma estranha, porque nem todo mundo



“Todas as vezes que tenho contato com pacientes com câncer, procuro falar sobre o meu testemunho, dar uma visão otimista, sem perder o realismo sobre a doença e a vida. Digo sempre: ‘vá em frente, não olhe para trás!’”

consegue lidar com paciente com câncer, pois é uma situação que, muitas vezes, está associada à morte. Meu namorado também me deu pouco apoio: não foi a nenhuma consulta comigo, continuou vivendo a vida dele normalmente, o que me incomodou. Além de amizades que se afastaram...”, relata.

Renata fez a biópsia do linfonodo sentinela, que consiste em um procedimento cirúrgico para determinar se o melanoma se disseminou para os linfonodos regionais. Nesse procedimento, são removidos um ou mais linfonodos para verificar a existência de células cancerígenas. No caso, ela precisou remover dois gânglios na axila esquerda. Em meio à turbulência, a jornalista ainda enfrentou problemas com o plano de saúde, que se negava a liberar a intervenção.

“Fui ajudada por um amigo do trabalho, que ameaçou denunciar a situação à imprensa. Mesmo assim, o plano não arcou com o valor completo do tratamento. O cirurgião sugeriu que meu procedimento fosse transformado em aula de residência médica, para abater os custos. Foi uma ideia espetacular, que salvou a minha vida”, afirma Renata. A cirurgia durou mais de três horas e foi assistida por dez jovens médicos. Foram necessários 100 pontos no tronco e na região da axila esquerda.

MUDANÇA DE PERSPECTIVA

O resultado da biópsia revelou não haver metástase. Assim, não foi necessário mais nenhum procedimento. Renata manteve a rotina de exames

periódicos, sendo acompanhada por um oncologista clínico durante oito anos. Ainda é assistida por um dermatologista e não hesita em remover qualquer sinal na pele. Ela calcula já ter tirado cerca de 20, todos sem gravidade.

O susto de 18 anos atrás serviu para uma mudança radical. “Foi uma jornada incrível. Passou um ciclone em minha vida, que levou muita gente embora, porque comecei a perceber as relações abusivas. Terminei meu namoro, retomei amizades de adolescência e reencontrei um velho amigo, que se tornou meu marido”, detalha. “Ainda consegui concluir o mestrado em Literatura, uma vitória pessoal imensa. Fui aprovada com distinção. Fiquei tão emocionada, que chorei de alegria. À medida que retomava a autonomia, eu ia refazendo a minha vida”, observa.

Como é comum em casos semelhantes, após a doença Renata passou a dar mais valor à vida, encarando-a como milagre. “Aprendi a ser otimista com o câncer. Era uma pessoa negativa, engolia sapos, foi difícil virar a chave. Acho importante a gente falar sobre isso com o maior número de pessoas. Se eu superei e estou aqui viva por um milagre, tenho uma missão. Todas as vezes que tenho contato com pacientes com câncer, procuro falar sobre o meu testemunho, dar uma visão otimista, sem perder o realismo sobre a doença e a vida. Digo sempre: ‘vá em frente, não olhe para trás!’”, ensina. “Também é importante que a gente fale sobre exemplos para ajudar familiares e amigos que convivem com o paciente. A doença não é só do paciente, é também dos que convivem com ele.”